



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O JOÃO PESTANA

Por MARIA DE ALÉM-MAR

*O dia é para trabalhar; a noite para descansar.
O Sono dos justos vos será dado se praticardes
sempre boas acções.*

O João Pestana — dizia a Mãe da Guida e do Nanducha — é um grande amiguinho de toda a gente. Com todos brinca, com todos joga o jôgo da paciência, o «Sisudo», e, sobretudo, aconselha-nos muito principalmente ao deitarmos a cabeça no travesseiro...

Faz-nos adormecer porque, — (diz êle) — o sono é muito necessário. Os meus filhinhos mal o conhecem; embora o não vejam êle aparece muitas vezes à tarde, e à noite é

sempre certo.

É uma espécie de secretário do Deus Morfeu e é muito vosso amigo porque nos beneficia depois de trabalharmos e estudarmos, com uns pòzinhos maravilhosos que, assoprados com lentidão, nos fazem abrir e fechar os olhos e a bôca muitas vezes até ficarmos adormecidos profundamente. Esses pòs, assim assoprados, têm o

condão de nos fazer sonhar coisas lindas!... São infalíveis se praticarmos bonitas acções.

— E se formos feios e malcriados, mãizinha? — Perguntam os dois meninos.

— Torna-se perigoso o nosso dormir — respondeu a mãe — Livre-nos Deus de sermos preguiçosos, mentirosos ou malcriados... Vêm pesadelos de se lhes tirar o chapéu. Acordamos mal dispostos durante a noite, com ânsias, vômitos e depois temos febre, porque os pòzinhos transformam-se em veneno.

Diz o Nanducha: Querem ver que eu esta noite não durmo bem!...

— Porquê, meu filho, fizeste alguma maldade?

— Fiz sim, Mãizinha, não estudei a lição e menti ao nosso professor afirmando-lhe que a tinha estudado... e agora, Mãizinha?

— Pecado confessado... é logo perdoado, mas não o tornarás a fazer, sim? Vou contar-vos o que aconteceu a dois meninos irmãos.

Ela chamava-se Mimi e êle Zéca. Tinham sido bonitos e naquele dia obtiveram licença para irem passear ao campo acompanhados pelos seus avôzinhos e a criada.

O dia estava soberbo. O sol manchava de prata o verde sombrio das oliveiras, e o vento, movendo as ramadas, fazia tremular, em cima da terra, a sombra das árvores como quando arrepanha a superfície das águas.

Um rio, ao passar sorria, feliz de ser moti-





vo da nossa admiração. Ao fundo, uma mata cerrada de castanheiros, onde as aves faziam ouvir, em seus gorjeios, uma canção embaladora. Detivemos os passos. Que lindo dia! Nunca mais me esquecerei dele.

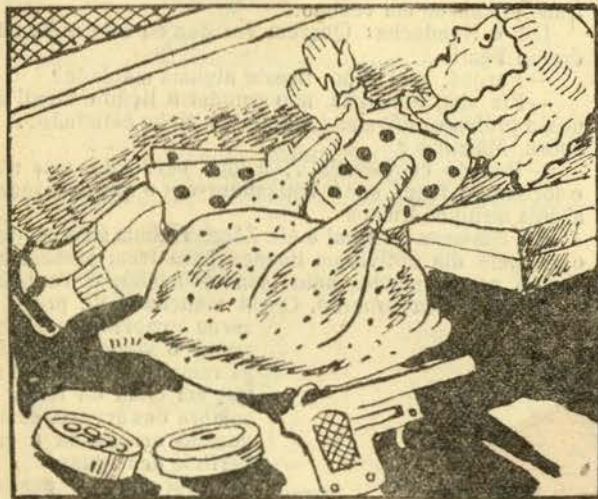
Diz, então, a Mimi: — A Mamã também foi? Descreve tudo tão bem...

A Mamã rindo: Deixa-me continuar, filha. Acamparam na mata de castanheiros os passeantes extasiados perante tantas belezas.

Sobre a fresca relva, os nossos amiguinhos Mimi e Zeca, os Avós e a criada, petiscaram um apetitoso pastelão de camarão, os clássicos pastéis de bacalhau e uma rica galinha assada e recheada, bolos, frutas e pudins. Tanto comeram que se cansaram de mastigar. Em seu auxílio veio logo o nosso João Pestana que os brindou com uma soneca consoladora e, sorrindo, assoprou o tai célebre pó maravilhoso. Num instante foi um tal bater de olhos que ficaram todos adormecidos. Todos... não. Menos a Mimi e o Zeca porque o João Pestana queria vê-los, brincar. Assim foram correndo atrás das borboletas e tanto correram que criaram novo apetite.

Pois não! Se os ares puros do campo fazem fome... Combinaram então ir tirar do cesto os restos da galinha que estava saborosíssima. Vendo o Avó a dormir ressonando e assoprando, de tal maneira que ajudava o vento a abanar os ramos do castanheiro que lhe fazia sombra, e a Avó sentada de encontro a um tronco, deixando pender a cabeça em vérias, a criada a dormir também mirando, atenta, o interior das órbitas, não sabiam os nossos amigos, nesta colisão, que fazer! Comer sem o consentimento da Avózinha? Isso não!

Decidiram-se, por fim. O maroto do Zeca, dissimu-



lando uma pergunta: — Dá licença, Avózinha? — exclamou, imediatamente: — Olha, Mimi a Avózinha respondeu que sim com a cabeça, a-pesar-de nos dizer sempre que é muito feio falar-se por sinais.

E' que o Zeca aproveitara, como consentimento, o aceno que lhes fizera a Avó ao deixar cair a cabeça sonolenta, e puzeram mãos à obra, rindo-se à supaca.

Os restos da galinha foram-se num instante. Ambos queriam ficar com a parte maior do arco-boiço da galinha e, esquecendo a sonéca dos Avós, começaram:

Este é meu... aquele não é teu; Puxa aqui, puxa

acolá, sôco, arranhão, um inferno, obrigando a terrível despertar os Avós e a criada que se deliciavam com descansado dormir.

Um valente puxão de orelhas, valeu-lhes a brincadeira.

Nas ramadas, os lindos passarinhos deixaram de cantar, as árvores penderam tristemente as suas ramadas, o doce cantar do rio emudeceu, e, por entre as nuvens, o sol brilhante chorou, deixando cair gotas de água.

Assim, a beleza do dia protestou, naquele momento, contra a feia acção da Mimi e do Zeca. Estes, ao chegarem a casa, envergonhados com os ralhos da Mamã, foram-se deitar sem ceia.

E a visita de João Pestana, Mãizinha? Pergunta com grande interesse o Nanducha?

— Ora, a visita do João Pestana é sempre certa; porém, nesse dia, apareceu tão zangado e assoprou com tal força o pó maravilhoso que os meninos, depois de terem chorado muito, começaram a pestanejar e logo adormeceram.

O Zeca tanta volta deu durante a noite, tanto se mexeu, que caiu da cama. A Mãe correu para vê-lo que se tratava e ajudou-o a levantar-se. Este contou que sonhara com uma caçada aos javalis. Perseguiu-os, montado num lindo cavalo, através das charnecas, disparando tiros que nunca conseguiram acertar. De repente, a um salto do cavalo, foi cair num charco.

Então é que foi o pavor. O Javali que lhe fizera a partida de o levar àquele sítio, esfregando as patas de contente e arregaçando os punhos de pêlos, disse: Já tenho com que jantar e os meus companheiros também. Voltou-se o feitico contra o feiticeiro... E ria, ria, mostrando a dentuça.

«Ao ver-me quasi apanhado, dei um salto e... acordei no chão».

Dizia-lhe a Mãe, enquanto o tratava dum galo enorme: Vês o castigo de teres sido máuzinho, meu filho?

— E a si, Mãizinha, não lhe aconteceu nada? — perguntou a Guida?

— A mim?! que grande marota!

— Não, Não, à Mimi, Mãizinha?

— Ah! Sim. Sonhei... Não, a Mimi sonhou que a mãe lhe dera uma linda boneca que era todo o seu enlêvo. Mas ao ir buscá-la, para a mostrar a uma amiga, vira, em lugar da boneca, um monstro horrível que lhe fazia caretas. Ouvindo gritos, o Zeca veio em minha defesa com a pistola de fulminantes e deu um tiro. O monstro caiu e deu um estouro e ficou tal qual o esqueleto da galinha que o Zeca e a Mimi começaram a puxar para aqui, a puxar para acolá, às unhas e às dentadas, até que apareceu uma princesa toda vestida de quente sol que lhes queimou o rosto.

Quando acordei, chorava pela minha linda boneca do sonho e passei todo esse dia de cama, com febre.

O Zeca e a Mimi juraram nunca mais serem feios. E, à noite, o João Pestana foi, muito de mansinho, beijar os dois meninos e assoprou o pó maravilhoso da sua caixa de prata tão suavemente que o sono, voejando em torno das suas caminhas, fez ouvir, até ao raiar da aurora, a lentidão mágica do seu canto.

PRIMAVERA

Por GRACIETTE BRANCO

De bibezinho lavado,
sôbre o vestido de malha,
que é bonito e agasalha,
e o cabelo penteado;

com chinelinho de trança
e colorida sacola,
Maria, gentil criança,
alegre, vai para a Escola.

Já tem tudo na cabeça,
muito bem compreendido.
De contente, leva pressa,
o caminho é tão comprido...



A manhã é triunfal,
as andorinhas voltejam,
os pardalitos se beijam
pelas telhas dum beiral!

Na orelhinha, é de oiro o brinco,
fita de seda, na trança,
— «Muito bem: dois e três, cinco!»
pensa a engraçada criança!

Tão fresquinha, tão cheirosa,
aos saltinhos no terreiro,
não faz diferença da rosa
que nasceu neste canteiro!

Sôbre lindas violetas,
rosas, goivos, fôlhas de hera,
poisam brancas borboletas,
que cheiram a Primavera!

■ F I M ■

O NOSSO NOVO CONCURSO

AVISO AOS CONCORRENTES

Por absoluta falta de espaço só no próximo número iniciaremos este anunciado *concurso* cujas bases e condições tornamos a inserir

O «Pim-Pam-Pum» vai iniciar a publicação duma série de construções para armar, que constituirão, no seu conjunto, **uma Vila completa** com seus edifícios municipais, escolares, comerciais e particulares.

A medida que forem saíndo essas construções, todos os nossos amiguinhos poderão ir acompanhando o desenvolvimento e progresso dessa pequena vila, edificada por vossas próprias mãos.

Quando concluída, os nossos pequeninos leitores mandarão tirar uma fotografia reproduzindo o seu aspecto geral, prova fotográfica com que participarão no grande concurso que vamos abrir. Serão estabelecidos prémios tentadores que oportunamente revelaremos.

A mais interessante disposição de conjunto, atribuiremos o primeiro prémio, disposição que ficará inteiramente ao critério e bom gosto dos concorrentes.

Além desta novidade, «Pim-Pam-Pum», no desejo de constantemente melhorar as suas variadas secções, vai iniciar a publicação duma série de engenhocas, bem como uma desenvolvida secção charadística, a prémios, que muito deverão interessar os seus inúmeros amiguinhos.

C H A R A D A S E M F R A S E

Solução das do número anterior

1 — Diário. 2 — Famalicão. 3 — Infância. 4 — Telhado. 5 — Louvaminha.

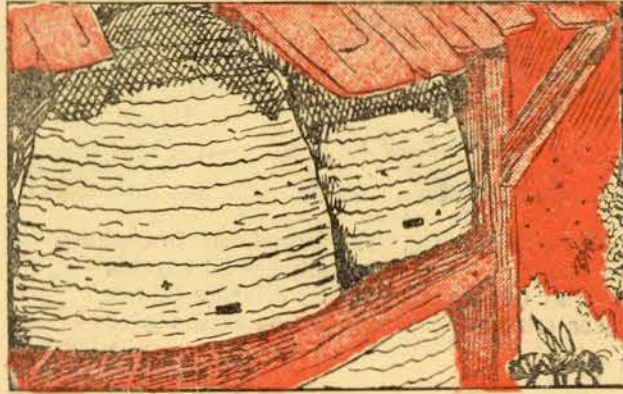
O ANÃO SABICHÃO E AS ABELHAS

Por ANÃO SABICHÃO



UM dia, meus queridos meninos, apeteceu-me viver um tempo, num cortiço de abelhas. Apesar de saber a dificuldade da empresa, tirei-me dos meus cuidados, e transformei-me numa abelhinha.

Só assim poderia conhecer o famoso segredo das



abelhas que elas tão bem guardam dos olhos profanos!

Na colmeia, passei por uma abelha operária, e, como tal, foi-me imposto serviço, como às outras minhas companheiras.

Primeiro, educaram-me, já se vê!

Durante quinze dias, voei, à roda do cortiço, com ordem de me ir afastando, cada vez mais — este exercício fazia-o sempre, sôb a vigilância de abelhas mestras, já sabidas.

Havia umas que saíam logo de manhãzinha, para prepararem o trabalho, que depois distribuíam pelas companheiras operárias.

Inspecionavam os arredores, dirigindo-se às plantas e flores, a observarem o que ali podiam aproveitar.

Assim organizavam o trabalho do dia.

Nós, as operárias, — eu aqui sou uma abelhinha, não se esqueçam! — fomos depois, pelos sítios marcados por elas, à colheita do nectar ou do pólen. O nectar, misturado com a saliva, é o mel que as abelhas depositam nos alvéolos que são as célulazinhas, construídas por elas com cêra e onde também ficam os ovos.

A reunião dos alvéolos é que constitue o que se chama o favo.

Pois, como ia dizendo, cada uma de nós, as operárias, era encarregada da sua função. Havia as que levavam o nectar e as que levavam o pólen que iam buscar às flores.

Nos pelinhos das patas, mais fechadas, é que as abelhas agarram as bolinhas de pólen e assim o transportam para o cortiço.

Outras vão buscar água e fabricam uma papa, misturando a água com mel e pólen. Serve para alimentar as larvas.

Outras trazem uma espécie de cera vermelha, chamada propólis, com a qual seguram os favos.

E, então, no interior do cortiço, o trabalho é ainda mais variado!

Há umas abelhinhas, suspensas umas às outras, como se fôssem um cacho, e, nessa posição, amassam a cera e constroem os alvéolos.

As abelhinhas amas — eu chamo-as assim! — agrupam-se no cimo dos alvéolos que encerram as larvas, para conservarem ali o calor necessário de que elas

precisam, enquanto outras guardam o mel dentro das células, cobrindo-o, depois com cera.

Não estão com a bôca aberta de espanto, meus queridos meninos, com a descrição da maravilhosa vida destes inteligentíssimos insectos? Mas há mais, e mesmo muito mais!... Há abelhinhas que se conservam à entrada do cortiço, para não deixarem ali entrar senão as que pertençam à comunidade, quere dizer, as que pertencem àquela colmeia e põem a andar as vésperas e outros bichinhos intrusos.

Uma certa borboleta, indiferente às picadas das abelhas, é o inimigo mais difícil de atacar.

Que meio empregam, então, as artistas abelhas para se livrarem dela?

Fazem a porta de entrada do cortiço, muito estreita, de forma que só possam entrar as abelhas e não a tal borboleta que é grande!

Ainda há umas abelhas que se colocam à porta, a bater continuamente as asas, para assim ventilarem o interior do cortiço. Quando essas estão cansadas, veem outras substituí-las.

Umhas há que se ocupam da limpeza. Sobretudo,

O CHIQUINHO E O TAMBÔR



O «Zé» Maria Prudente tem um netinho: — o Hilário, a quem, pelo aniversário, prometeu dar um presente.



Hilário, muito contente, lembra a promessa do avô, o qual já o encomendou na loja que fica em frente.



Decorrido um momentinho, aparece — ó que primôr! — um magnífico tambôr, oferta do avôzinho.




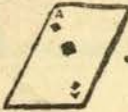
Mas, decorrida uma hora, sem o ouvir rufar na pele, preguntá o avô: — «Que é dele?!» — «O tambôr? Deitei-o fora!


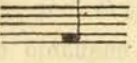




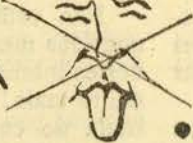
Tanto toquei que o rompi! — «E o teu Pai — (eu faço ideia!) — deu-te uma grande tarefa?» — diz-lhe o avô, que sorri.

Então Hilário volta: — «Hum!... deu-me até um dinheirão, só com esta condição: — de eu não comprar mais nenhum!»

ENIGMAS PITORESÇOS

CURA-  -Z  TRIDA Q

1^{+A}   +Z, É INCURÁ  -A

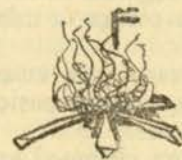
A Q  +Z 1^{+A}  .

D

P^A



G^E,



de manhã, transportam para fora do cortiço todos os detritos inúteis, como abelhinhas mortas etc. e até expulsam ou matam as abelhas operárias doentes ou feridas que já não podem fazer serviço.

E quando, por acaso, alguma borboleta consegue penetrar lá dentro, sabem como dão cabo do inimigo?

Precipitam-se sobre êle e enchem-no da tal cera encarnada e, naquele túmulo, o deixam morrer de fome!

Muito mais cousas poderia ainda contar-lhes, mas calculam os meus amiguinhos, o fim da minha bisbilhotice?

Certo dia, uma abelhinha mestra, muito espartalhona, observou que eu tinha os olhos mais salientes que elas todas, cheirou-me, cheirou-me e vai... percebeu que o meu cheiro não era, positivamente, o duma abelha.

Passou a sua descoberta às outras, e não lhes digo mais nada!...

Ali mesmo, me desmascararam...

Arrancaram-me o meu vestido de abelha e, já tornado Anão, ouvi-as todas, a um tempo, zumbir:

— Seu Anão intrometido,
vá-se daqui, atrevido!

Vá-se já daqui p'ra fora,
para a rua, sem demora!
Não queremos cá visitantes,
que são uns alto falantes
e dão parte a toda a gente,
da vida surpreendente
que vivem as abelhinhas,
dentro das suas casinhas!
Ainda está com muita sorte,
se não lhe damos a morte!
Mas sabemos, de antemão,
que você é sabichão,
e que escreve num jornal,
uns escritos, sem igual!
Mas fuja daqui depressa,
e nunca mais apareça,
porque temos um ferrão
que dá cabo dum Anão!

E eis, aqui, como as senhoras abelhinhas correram comigo!

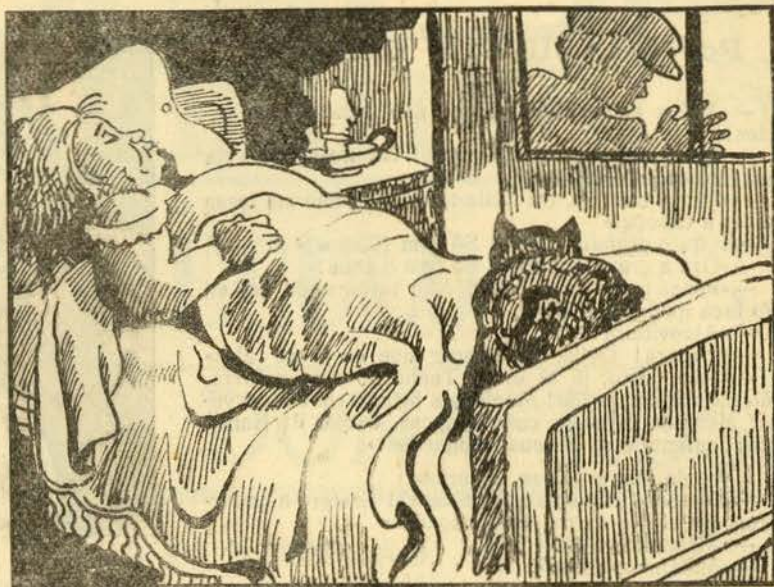
Não tive mais remédio senão dar às de Vila Diogo, mas jurando, com os meus botões, que hei-de teimar na minha teima!

Mais tarde, voltarei a encontrar um meio de saber mais cousas interessantes da vida das abelhas, que tornarei a vir narrar aos leitorzinhos do Pim-Pam-Pum, podem ficar descansados!

A GATA DA MARIA MENDES

Por JORGE CLARO

NO lugar onde eu nasci,
Na povoação dos Rezendes,
Em pequeno, conheci
A velha Maria Mendes,
Que tinha uma gata
Tão esperta
Que, álferta,
Dormia!
Fingia
E' sabido...



«Saloia» chamava-se ela,
De pêlo cõr de canela
E focinho retorcido.

Reminhau! Reminhau
Reminhau! Fu! Fu!
Tinha o gênio mau
Mas era um «bijou»!

Certa noite de invernía,
Estava a velha entre os lençois
E a gata a seus pés dormia,
— Os olhos como jaróis!

Um ladro atrevido,
de fama,
na cama
da velha
de esguelha
penetra...

Ousado, sem mais «aquelas»,
Começa às apalpadelas,
Aos beliscões... *et cetera!*

A gata, dum pulo enorme,
Vai colocar-se entre os dois,
Desperta a dona, que dorme,
E erguendo as patas, depois,
Enterra as «ateixas»

Rapaces
Nas faces
Do piolho
Ladrilho
Tais tratos,

Que p'ra a gente de Rezendes,
A gata da velha Mendes,
Dormindo... caçava «ratos»!

Reminhau! Reminhau!
Reminhau! Fu! Fu!
Comigo, marau,
Não contavas tu!...

■ ■ F I M ■ ■

O MILAGRE DAS ROSAS

Composição classificada no concurso da secção cultural infantil da Emissora Nacional

I

Houve em tempo uma rainha,
Que se chamava Isabel
Tão dócil e tão meiguinha,
Tal como as rosas e o mel.

II

Era boa esta rainha
Como deviam ser todos,
Dava aos pobres esmolinha
E consolações a rodos.

III

Lindo milagre se deu
— (Isto é a lenda que o diz) —
Conta-se que aconteceu
Entre Isabel e Diniz.

IV

Indo certa ocasião
A esmolinha aos pobres dar,



Leva no regaço pão
Para a fome lhes matar.

V

Porém... — (O' mas que arrelia!) —
Com sua couraça d' aço,
Vê o rei que lhe dizia:
— O que levais no regaço?...

VI

E a esposa de D. Diniz
Com suas falas formosas,
Dum modo bem lindo, diz:
— O que trago... são só rosas!

VII

Então, abrindo o regaço,
Lindas rosas perfumadas
Viram-se cair do espaço
Nas pedrinhas orvalhadas...

BRINQUEDOS

Por GRACIETTE BRANCO

— «Vai-te embora! Raparigas não brincam com cavalos!»

— «Ora essa! Ora o espevitado! Naturalmente a tia Ema não anda a cavalo!»

— «Espevitada és tu! Cala-te, cala-te, não me faças perder a cabeça!»

— «Ora o grande homem! Só com 10 anos!»

— «Ora a grande mulher! Só com 8 anos!»

— «Fazes favor de te calar! Não tarda nada que eu não faça queixa à Mã!»

— «Alcoviteira!»

— «Pudera! Deixa-me brincar que eu já me calo!»

— «Não deixo, já te disse. Tenho só uma palavra.

Não faltava mais nada! Meninas a brincarem com cavalos! Meninas brincam com bonecas, é que é! Nunca estás contente com os teus brinquedos!»

A voz da Mã ergue-se, imperiosa:

— «Meninos! Que barulho é esse?! Sempre a embirarem um com o outro! Que maçada!»

— «Mãizinha: é éle!»

— «Mãizinha: é ela!»

— «Calem-se já! Uma mulher com oito anos e um homem com dez! Calem-se já!»

Tonecas ficou a brincar com o cavalo e Nucha, lagrimita ao canto do olho, foi brincar com a boneca. Tinha o vestido sujo, a linda boneca da Nucha, a renda da saia róta, os cabelos despenteados! Com ar amuado mas paciente, Nucha vestiu-a toda de lavado, penteou-a, pôs-lhe um laço de fita no cabelo amarelo, côr de estopa...

Enquanto ia dando a laçada vistosa, resmungava, baixinho:

— «Deixa estar, deixa! Nunca mais hás-de mexer na boneca, quando fingires que és o Tom Mix a salvar a filha dum fazendeiro no Texas...»

Lá de dentro, vinha a voz do Tonecas, vibrante, cansada de gritar:

— «Para a frente! Corre! Voa! Eh! Eh! A galope! A galope!...»

E Nucha, de raiva, trincava o beicito até quasi fazer sangue...

Porém, mais tarde, quando a Nucha fez 18 anos, a Mã deu-lhe, de presente, uma linda máquina de costura.



Era o seu sonho! Fazer, ela própria, o seu enxoval de noiva!

* * *

Sentada à máquina — te-te-te-te-te — a coser uma costura, aparece-lhe o Tonecas — 20 anos belos e vigorosos — que beija Nucha, na fronte.

Tonecas é alegre, brincalhão, quasi infantil.

— «Oh Nucha! Deixa-me coser também! É só um bocadinho! Só para veres que também sei. Acho piada a isso... É só para te fazer rir!...»

— «Ora essa!... Rapazes cosendo à máquina?! Grande maricas! As máquinas são das raparigas! Minha rica máquina! Não lhe põe a mão! Lembra-se, sr. Tonecas, daquela cena do cavalo, há... há quantos anos?...»

— «Há dez!... Mas que memória!...»

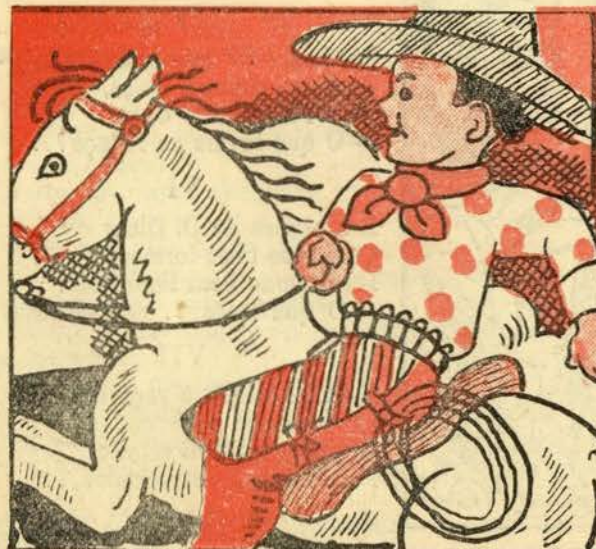
Nucha, com ar cômicamente sério, continua, de dedo erguido:

— «É para que saiba! Hoje dou-lhe razão porque, realmente, cada brinquedo é adaptado a cada sexo e, para que todas as crianças se entendam, é necessário que não cobicem os brinquedos alheios e se dêem por muito satisfeitos com os seus!»

— «Muito bem! Muito bem, D. Nucha!»

Uma grande gargalhada rematou o alegre diálogo dos dois irmãos e a máquina de costura, sob o rápido impulso dos pés de Nucha, continuou cantando:

Te-te-te-te-te.....



■ ■ ■ F I M ■ ■ ■